



Ensino Médio

Arte

1ª

série

Manual exclusivo do aluno

Capítulo 1

Cultura e Arte

Devemos entender que, os termos Cultura e Arte são associados, mas não são semelhantes. Para que se dê tal entendimento, devemos compreender o que é cada uma delas.

O que é Cultura?

O termo Cultura nos remete aos mais variados sentidos possíveis, entretanto, como podemos definir Cultura? Podemos dizer que Cultura é a maneira como a sociedade se estrutura e se comporta diante de tudo o que é produzido por ela. É um fenômeno integral, que abrange toda uma coletividade.

Entende-se que a cultura de uma sociedade é o patrimônio material e intelectual, compartilhado por determinado grupo social, recriado e transmitido de geração para geração. A Cultura engloba tudo que está inserido em uma sociedade: linguagem, comportamento, símbolos, técnicas, objetos, ideias, crenças – todas as produções materiais e imateriais de um grupo social.

Observe as imagens abaixo:



Sushi – cultura japonesa



Tourada – cultura espanhola



Móveis - Serra da Mantiqueira

Leia atentamente ao que diz Darcy Ribeiro (1922-1997) sobre a Cultura:

Chama-se cultura tudo o que é feito pelos homens, ou resulta do trabalho deles e de seus pensamentos. Por exemplo, uma cadeira está na cara que é cultural porque foi feita por alguém. Mesmo o banquinho mais vagabundo, que mal se põe em pé, é uma coisa cultural. [...] Há também, para complicar, as coisas da cultura imaterial [...] A fala, por exemplo, que se revela quando a gente conversa, e que existe independentemente de qualquer boca falante, é criação cultural. Aliás, a mais importante. Sem a fala, os homens seriam uns macacos, porque não poderiam se entender uns com os outros, para acumular conhecimento e mudar o mundo como temos mudado. [...] Além da fala, temos as crenças, as artes, que são criações culturais, porque inventadas pelos homens e transmitidas uns aos outros através das gerações. Elas se tornam visíveis, se manifestam, através de criações artísticas ou de ritos e práticas – o batizado, o casamento, a missa – em que a gente vê os conceitos e as ideias religiosas ou artísticas se realizarem. [...]

RIBEIRO, Darcy. *Noções de coisas*. São Paulo: FTD, 1995. p. 34.

De acordo com os diferentes grupos sociais, a Cultura se diferencia, suas transformações ocorrem lentamente.

Temos grupos que preservam seus modos de vida desde os mais antigos membros, e isto faz com que sejam considerados grupos que têm uma cultura tradicional, como por exemplo, alguns povos indígenas brasileiros. Já, outras culturas modificam seus aspectos materiais mais facilmente, porém conservam seus comportamentos e seu repertório simbólico, como por exemplo, muitos grupos sociais que vivem na Índia.

Na chamada Cultura Ocidental, as transformações são valorizadas em todos os aspectos da vida, uma vez que nossa história se converte numa espécie de linha do tempo – uma sociedade em contínua modificação. Um modo interessante de considerar a Cultura é observá-la como massa energética, pois assim como a energia, os aspectos culturais de um grupo social podem se difundir para seus vizinhos ou mesmo para povos que vivem em regiões distantes - através da atividade comercial, por exemplo, ou pelas redes de comunicação. Assim, os aspectos de uma cultura, acabam sendo assimilados por outra, e passam a contribuir para transformar a vida social dos mais diferentes grupos.

Com o advento da Revolução Digital, que é relativamente recente, se analisarmos a extensão da história da humanidade e seu impacto na cultura ocidental sobre as demais, que conseguiu impactar a maioria das culturas, como temos, grupos nômades que conseguem portar seus televisores,

computadores, celulares, enfim, têm informação digital em todos os lugares por onde passam, ao mesmo tempo em que certos aspectos de outras culturas se alcançam mais facilmente. Atualmente, é possível aprender qualquer tipo de língua através de cursos on-line, é possível cursar faculdade on-line, manter relacionamentos, realizar vendas, dentre outros aspectos, tudo através de um único meio de comunicação, a Internet.

A Cultura Digital proporcionou novas formas de interação entre as pessoas de uma mesma ou de diferentes sociedades e culturas. Tal cultura também promoveu e facilitou o aparecimento de artistas, que até então eram desconhecidos – novas vozes, novos olhares, novos gestos – que se tornaram mais livres e menos padronizados, chegando assim, a todos os tipos de cultura e sociedades. Nas últimas décadas, o Brasil, por exemplo, tem mantido uma forte política cultural, promovendo assim sua pluralidade.

O que é Arte?

Definir Arte torna-se mais difícil que definir Cultura. Alguns artistas são reconhecidos por toda humanidade como tais. Ninguém pensa em questionar se as telas pintadas por Van Gogh, as peças escritas por Shakespeare ou as músicas compostas pelos Beatles são arte. Se olharmos para trás, veremos que algumas obras tiveram tamanha força, influenciaram de tal modo a produção de outros artistas e o comportamento da sociedade, que se tornaram modelos do que seria a grande arte.

Como não existem regras para determinar claramente o que caracteriza essas grandes obras de arte, o máximo que podemos fazer é nos entregar a fruí-las, observá-las e tentar alcançar uma compreensão, numa espécie de diálogo apaixonado. Quanto mais próximos estivermos de uma obra, mais sensibilizados ficaremos para apreciá-la.

O artista e o poeta possuem uma luz interior que transforma os objetos para criar um mundo novo, sensível, organizado, um mundo vivo que é em si mesmo o sinal inequívoco da divindade.

Henri Matisse (1869-1954), pintor francês.

Arte é o exercício experimental da liberdade.

Mario Pedrosa (1900-1981), crítico brasileiro.

O que é História da Arte?

O que você entende por Arte? Já parou para pensar onde surgiu e qual a importância desta durante todos esses séculos? A arte é quase tão antiga quanto o próprio homem, ela é uma forma de trabalho, sobrevivência, comunicação, é atividade que caracteriza a humanidade. O homem apodera-se da natureza e a transforma a partir das suas

necessidades, dessa forma, a produção que chamamos de arte é, antes de tudo, manifestação cultural do homem, pois expressa a sua realidade dentro de um determinado contexto histórico, o que nos permite entendê-la como um elemento de conhecimento da história do ser humano. Desse modo, chamamos de História da Arte à área do conhecimento especializada no estudo da evolução das expressões artísticas, da constituição e variação das formas, dos estilos e dos conceitos transmitidos através das obras de arte. É costume referir-se à história das artes visuais mais tradicionais, como a pintura, a escultura e arquitetura.



Noite Estrelada (1898), óleo sobre tela de Vincent Van Gogh.



O ator inglês Laurence Olivier em uma adaptação para o cinema da peça *Hamlet* (escrita por William Shakespeare no início do século XVII).



Capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, em 1967.

Arte na Pré-História



As primeiras manifestações artísticas são datadas desde o início da História.

Entretanto, através de pesquisas feitas por antropólogos e historiadores, foi reconstruída a cultura do homem da Idade da Pedra a partir de objetos encontrados em vários países e de pinturas achadas no interior de muitas

cavernas na Europa, Norte da África e Ásia.

Esse período histórico não foi registrado em nenhum documento escrito, pois é anterior à escrita, por isso chamada de Pré-História.

Um dos períodos mais fascinantes da história humana a Pré-História não foi registrada por nenhum documento escrito, pois é exatamente a época anterior à escrita (por isso recebe essa denominação). Tudo o que sabemos dos homens que viveram nesse tempo é o resultado da pesquisa de antropólogos, historiadores e dos estudos da moderna ciência arqueológica, que reconstituíram a cultura do homem a partir de pesquisas feitas com objetos encontrados em vários países e de pinturas achadas no interior de muitas cavernas na Europa, Norte da África e Ásia.

Período Paleolítico

Vamos tratar aqui a partir do Paleolítico superior, pois é dessa época que provém os primeiros achados artísticos do ser humano. Os homens do Paleolítico (Idade da Pedra Lascada) eram nômades, alimentavam-se basicamente de frutos, raízes, ervas, peixes e pequenos animais capturados com a ajuda de armadilhas muito rudimentares. Mas com o aperfeiçoamento dos instrumentos, passaram a caçar animais maiores. O machado foi um dos primeiros e mais utilizados instrumentos de caça. Com o tempo passou a ser usado para tudo, até para cavar buracos.

Pintura Rupestre

As pinturas dos artistas primitivos eram feitas em rochedos e paredes de cavernas, por isso receberam o nome de Pinturas Rupestres.



Pintura rupestre = desenhos e símbolos feitos sobre as paredes rochosas de cavernas.



Pintura Rupestre de 15.000 a.C. Lascaux - França.

O artista Paleolítico era bastante naturalista e pintava na maioria das vezes animais tais qual como ele mesmo os via, reproduzindo assim a natureza à sua volta e as perspectivas pelo qual tomava o animal naquele determinado momento. Segundo historiadores esse tipo de obra de arte pode ter sido realizado por caçadores, pois eles acreditavam que poderiam matar os animais desde que tivessem a imagem do animal ferido fortemente num desenho.

Escultura

Além de fazer pinturas os artistas do Paleolítico também esculpam. Grande parte das esculturas encontradas até hoje mostra que o artista do Paleolítico preferia moldar figuras femininas com a cabeça surgindo como prolongamento do pescoço, seios volumosos, ventre saltado e grandes nádegas, ou seja, bem "avantajadas".

Esse tipo de escultura representava simbolicamente a fertilidade, sinônimo, para eles, de fartura. Nessa época, a reprodução era vital para sobrevivência do próprio homem. Destaca-se: Vênus de Willendorf.

Período Neolítico

O homem desse período (também chamado de Idade da Pedra Polida) já não vivia só da caça, da pesca e da coleta. Passou a semear as terras mais férteis e a aguardar a época das colheitas.

Foi no Neolítico, portanto, que surgiu a agricultura e o homem passou a morar permanentemente num lugar, ou seja, tornou-se sedentário, construindo assim as primeiras moradias e vilarejos.

À agricultura juntou-se a criação de gado. Domesticaram-se os primeiros animais, como a cabra e o porco.

Escultura

Antes de pintar as paredes da caverna, o homem fazia ornamentos corporais, como colares, e, depois

magníficas estatuetas, como as famosas “Vênus”. Além de desenhos e pinturas, o artista do Neolítico produziu uma cerâmica que revela sua preocupação com a beleza e não apenas com a utilidade do objeto.

Nessa época o homem aperfeiçoou os seus conhecimentos começou a produzir instrumentos de cobre, substituindo os antigos instrumentos de pedra, chifre e marfim. Produziu ainda várias figuras decorativas que tinham como matéria-prima o bronze.

O homem neolítico também começou a produzir esculturas em metal através da técnica da fôrma de barro ou da cera perdida. Essas esculturas em metais representavam guerreiros e mulheres, onde a riqueza de detalhes constitui um precioso documento das roupas e atividades do homem no Neolítico.

Arquitetura

A arquitetura surgiu da necessidade de o homem proteger-se da chuva, do sol e outros fatores que ameaçavam seu bem-estar e vida, de conservar seus poucos bens, repousar após os dias de luta pela sobrevivência e “guardar” sua prole.

Desde então, até nossos dias, esses são os principais motivos que nos levam a construir moradias. Havia quatro tipos básicos de construções no período Neolítico:

- **Menires** – blocos de pedra fincados no chão.
- **Dólmenes** – dois menires com uma pedra apoiada em cima como uma mesa gigante. Considerados cemitérios ou monumento ao sol.
- **Cromlech** – menires em círculo. O Santuário de Stonehenge parece ser um calendário astronômico muito preciso.
- **Nurague** – construção feita de pedra sobre pedra em formato de cone truncado, sem uso de argamassa.

Para saber mais

As Cavernas - existem várias cavernas pelo mundo, que demonstram a pintura rupestre, algumas delas são:

- Caverna de Altamira, Espanha, quase uma centena de desenhos feitos a 14.000 anos, foram os primeiros desenhos descobertos, em 1868. Sua autenticidade, porém, só foi reconhecida em 1902.
- Caverna de Lascaux, França, suas pinturas foram achadas em 1942, têm 17.000 anos. A cor preta, por exemplo, contém carvão moído e dióxido de manganês.

Compreensão

1. A partir de que período foram encontrados os primeiros registros de arte feita pela humanidade?

2. O que é Arte Rupestre?

3. Que função é atribuída às pinturas rupestres produzidas durante a Pré-história?

4. Cite os principais tipos de construções neolíticas e explique cada uma.

5. Quais eram os temas favoritos das esculturas pré-históricas? Explique o motivo.

Capítulo 2

Os primeiros povos do Brasil – cenário histórico

Devido à grande quantidade de gelo retido nas regiões polares durante a última glaciação (que se encerrou há cerca de 15 mil anos), o nível do mar estava cerca de 120 metros abaixo do atual. As praias estavam afastadas vários quilômetros das atuais linhas da costa, expondo planícies litorâneas hoje submersas. Nessas condições, o atual estreito de Bering era uma passagem de terra firme que interligava a Ásia e a América do Norte, permitindo a migração humana.

Atualmente se acredita que essa migração tenha ocorrido em diversas levas, que povoaram as regiões da América em épocas diferentes.

No Brasil, foram descobertas evidências de presença humana a partir de 30 mil anos atrás.

Os Sambaquis



Enquanto os grupos humanos nômades que viviam nas regiões que hoje conhecemos como Amazônia, Planalto Central e sul do Brasil foram aos poucos domesticando animais e plantas e tornando-se sedentários, as populações do litoral tiveram desenvolvimento bem diferente.

Sociedades bastante desenvolvidas se instalaram nas planícies litorâneas, aproveitando um ambiente rico em peixes e moluscos, no qual se encontram florestas e mangues.

Muitos vestígios deixados por essas populações podem ter sido cobertos pela elevação do nível oceânico no final da Era Glacial.

Os sítios arqueológicos, encontrados em toda a costa brasileira, são chamados sambaquis, palavra que em língua tupi significa “monte de conchas”.

Os Sambaquis são grandes amontoados de conchas que podem alcançar de 2 a 60 metros de altura. Em algumas dessas formações, as conchas foram depositadas ao longo de um milênio. Em alguns sambaquis, há restos de peixes. A maioria deles contém sepultamentos humanos.



Parte externa de um sambaqui catarinense formado nas proximidades do Farol de Santa Maria

Os arqueólogos acreditam que as sociedades sambaqueiras construíram esses volumes como monumentos, procurando dar-lhes visibilidade. Os sambaquis em geral estão em cenários abertos, de modo que do topo de um deles se pode observar outros.

Essas civilizações pesqueiras e navegadoras podem ter sido estratificadas, pois tudo indica que mobilizaram mão de obra especialmente para a construção dessas elevações. É possível que o culto aos ancestrais fosse um aspecto importante de suas tradições culturais.

Pintura Rupestre

Em quase todas as regiões do Brasil há sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Na região Sul, os grafismos geralmente consistem em incisões e desenhos geométricos.

No Planalto Central são comuns as representações de animais, principalmente cervídeos, peixes e pássaros.

Na Amazônia, embora os sítios arqueológicos tenham sido ainda pouco estudados, as figuras antropomórficas e as formas geométricas são bastante frequentes.

No Nordeste ocorrem representações da figura humana e de animais agrupadas, formando cenas de caça, dança, guerra, sexo e rito, entre outras. Em muitas dessas cenas, as figuras seguram armas, cestos e outros objetos.

Grafismos são desenhos aparentemente sem significado que consistem em arranjos de formas e cores.

Antropomorfismo é a crença ou pensamento que atribui formas ou atributos humanos a entidades abstratas ou seres não humanos.



Pintura Rupestre, 1200 a.C – 6000 a.C. Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Serra da Capivara, Piauí. Foto de 2010

A Arte Rupestre do Nordeste é uma das mais estudadas do Brasil. Na Serra da Capivara, Piauí, estão cadastrados 657 sítios arqueológicos com pinturas ou inscrições rupestres, algumas com cerca de 20 mil anos. Na pintura acima, veem-se figuras humanas, emas e cervídeos (veados).

Lendo sobre os primeiros povos do Brasil

58 mil anos de presença humana

A história do povoamento das Américas esteve envolta por um emaranhado de hipóteses e teorias cunhadas por estudiosos de todo o mundo desde meados do século XIX. [...] Para a maioria dos pesquisadores, a chegada do homem ao continente americano numa Antiguidade remota era improvável. Supunha-se que tivesse ocorrido entre 11 e 15 mil anos atrás.

No final de 2006, essa tese foi abalada. Uma peça inesperada desse quebra-cabeça arqueológico lançou novas luzes sobre a ocupação das Américas. Evidências que comprovam a mais antiga presença humana no continente americano, datada de 58 mil anos, foram apresentadas pela arqueóloga Niède Guidon durante o 2º Simpósio Internacional “O povoamento das Américas”, realizado no Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, no Piauí, em dezembro de 2006. Paulista de origem francesa, Guidon, uma das maiores autoridades do país em pré-história sul-americana, está radicada no Piauí desde 1991 e é presidente da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm), instituição que administra o parque com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA).

A revelação encerrou um capítulo inaugurado em 1978 com o início das escavações que se estenderam até 1988 no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional da Serra da Capivara. Na ocasião, foram encontrados utensílios de pedra lascada, fogueiras estruturadas e restos de animais que serviram como alimento, encravados em camadas profundas, datada de mais 57 mil anos.

[...] enquanto prosseguia com as escavações em Pedra Furada buscando dados para situar a Arte Rupestre do Sítio em um contexto mais abrangente, deparou com datações antigas, com 18 mil anos ou mais, antiguidade que divergia das teorias vigentes. “Quando recebi as primeiras datações, pensei que o laboratório havia se enganado e misturado amostras, mas a diretora foi categórica: “São mesmo as suas amostras. amplie as escavações porque o sítio é antigo”, lembra.

MELLO, Raphaella de Campos. *Revista História Viva*, Ano IV, nº 41, março de 2007, p. 87 e 88.

Capítulo 3

Arte Egípcia



Uma das principais civilizações da Antiguidade foi a que se desenvolveu no Egito. Era uma civilização já bastante complexa em sua organização social e riquíssima em suas realizações culturais.

A religião invadiu toda a vida egípcia, interpretando o universo, justificando sua organização social e política, determinando o papel de cada classe social e, conseqüentemente, orientando toda a produção artística desse povo.

Além de crer em deuses antropozoomórficos (parte humana, parte animal) que poderiam interferir na história humana, os egípcios acreditavam também numa vida após a morte e achavam que essa vida era mais importante do que a que viviam no presente. O fundamento ideológico da arte egípcia é a glorificação dos deuses e do rei defunto divinizado, para o qual se erguiam templos funerários e túmulos grandiosos.

Arquitetura



Pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos – deserto de Gizé – Egito.

As características gerais da Arquitetura Egípcia são:

- solidez e durabilidade;
- simplicidade das formas;
- poucas aberturas;
- sentimento de eternidade; e
- aspecto misterioso e impenetrável.

Os monumentos mais expressivos da arte egípcia são os túmulos e os templos. Os túmulos são divididos em três categorias:

- **Pirâmide** – túmulo real destinado ao faraó;
- **Mastaba** – túmulo para a nobreza; e
- **Hipogeu** – túmulo destinado à gente do povo.

As pirâmides tinham base quadrangular eram feitas com pedras que pesavam cerca de vinte toneladas e mediam dez metros de largura, além de serem admiravelmente lapidadas.

A porta da frente da pirâmide voltava-se para a estrela polar, a fim de que seu influxo se concentrasse sobre a múmia. O interior era um verdadeiro labirinto que ia dar na câmara funerária, local onde estava a múmia do faraó e seus pertences.

As pirâmides do deserto de Gizé são as obras arquitetônicas mais famosas e, foram construídas por importantes reis do Antigo Império: Quéops, Quéfren e Miquerinos.

Junto a essas três pirâmides está a esfinge mais conhecida do Egito, que representa o faraó Quéfren, mas a ação erosiva do vento e das areias do deserto deram-lhe, ao longo dos séculos, um aspecto enigmático e misterioso.

Os templos mais significativos são: Carnac e Luxor, ambos dedicados ao deus Amon.

Os tipos de colunas dos templos egípcios são divididas conforme seu capitel:

- **Palmiforme** – folhas de palmeira;
- **Papiriforme** – flor de papiro; e
- **Lotiforme** – flor de lótus.

Escultura



Os escultores egípcios representavam os faraós e os deuses em posição serena, quase sempre de frente, sem demonstrar nenhuma emoção. Pretendiam com isso traduzir, na pedra, uma ilusão de imortalidade.

Com esse objetivo ainda, exageravam frequentemente as proporções do corpo humano, dando às figuras representadas uma impressão de força e de majestade.

Os Uschiabtis (lê-se Shabits) eram figuras funerárias em miniatura, geralmente esmaltadas de azul e verde, destinadas a substituir o faraó morto

nos trabalhos mais ingratos no além, muitas vezes coberto de inscrições.

Os baixos-relevos egípcios, que eram quase sempre pintados, foram também expressão da qualidade superior atingida pelos artistas em seu trabalho.

Recobriam colunas e paredes, dando um encanto todo especial às construções. Os próprios hieróglifos eram transcritos, muitas vezes, em baixo-relevo.

Arte Grega

Enquanto a arte egípcia é uma arte ligada ao espírito, a arte grega liga-se à inteligência, pois os seus reis não eram deuses, mas seres inteligentes e justos que se dedicavam ao bem-estar do povo.

A arte grega volta-se para o gozo da vida presente. Contemplando a natureza, o artista se empolga pela vida e tenta, através da arte, exprimir suas manifestações.

Na sua constante busca da perfeição, o artista grego cria uma arte de elaboração intelectual em que predomina o ritmo, o equilíbrio, a harmonia ideal.

Eles têm como características: o racionalismo; amor pela beleza; a democracia; e o interesse pelo ser humano, essa pequena criatura que é “a medida de todas as coisas”.

Arquitetura



As edificações que despertaram maior interesse são os templos. A característica mais evidente dos templos gregos é a simetria entre o pórtico de entrada e o dos fundos.

O templo era construído sobre uma base de três degraus. O degrau mais elevado chamava-se estilóbata e sobre ele eram erguidas as colunas.

As colunas sustentavam um entablamento horizontal formado por três partes: a arquitrave, o friso e a cornija, e sobre estes o frontão triangular.

As colunas e entablamento eram construídos segundo os modelos da ordem dórica, jônica e coríntia. As ordens arquitetônicas, de acordo com estilos e períodos foram:



- **Ordem Dórica** – era simples e maciça. O fuste da coluna era monolítico e grosso. O capitel era uma almofada de pedra. Nascida do sentir do povo grego, nela se expressa o pensamento. Sendo a mais antiga das ordens arquitetônicas gregas, a ordem dórica, por sua simplicidade e severidade, empresta uma ideia de solidez e imponência.

- **Ordem Jônica** – representava a graça e o feminino. A coluna apresentava fuste mais delgado e não se firmava diretamente sobre o estilóbata, mas sobre uma base decorada. O capitel era formado por duas espirais unidas por duas curvas. A ordem dórica traduz a forma do homem e a ordem jônica traduz a forma da mulher.

- **Ordem Coríntia** – o capitel era formado com folhas de acanto e quatro espirais simétricas, muito usado no lugar do capitel jônico, de um modo a variar e enriquecer aquela ordem. Sugere luxo e ostentação.

Os principais monumentos da Arquitetura Grega são:

- **Templos** – dos quais o mais importante é o Parthenon de Atenas. Na Acrópole, também, se encontram as Cariátides que homenageavam as mulheres de Cária.

- **Teatros** – que eram construídos em lugares abertos (encosta) e que compunham de três partes: a skene ou cena, para os atores; a konistra ou orquestra, para o coro; o koilon ou arquibancada, para os espectadores.

Um exemplo típico é o Teatro de Epidauro, construído, no séc. IV a.C., ao ar livre, composto por 55 degraus divididos em duas ordens e calculados de acordo com uma inclinação perfeita. Chegava a acomodar cerca de 14.000 espectadores e tornou-se famoso por sua acústica perfeita.

- **Ginásios** – edifícios destinados à cultura física.

- **Ágora** – praça onde os gregos se reuniam para discutir os mais variados assuntos, entre eles, filosofia.

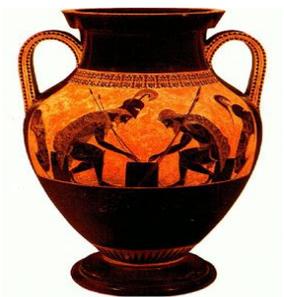
Pintura

A Pintura Grega encontra-se na arte cerâmica. Os vasos gregos são também conhecidos não só pelo equilíbrio de sua forma, mas também pela harmonia entre o desenho, as cores e o espaço utilizado para a ornamentação.

Além de servir para rituais religiosos, esses vasos eram usados para armazenar, entre outras coisas, água, vinho, azeite e mantimentos.

Por isso, a sua forma correspondia à função para que eram destinados. Abaixo estão os principais tipos de vasos cerâmicos produzidos pelos gregos antigos.

- **Ânfora** – vasilha em forma de coração, com o gargalo largo ornado com duas asas.



- **Cratera** – tinha a boca muito larga, com o corpo em forma de um sino invertido, servia para misturar água com o vinho (os gregos nunca bebiam vinho puro).



- **Hídria** – (derivado de ydor, água) tinha três asas, uma vertical para segurar enquanto corria a água e duas para levantar.



As pinturas dos vasos representavam pessoas em suas atividades diárias e cenas da mitologia grega. O maior pintor de figuras negras foi Exéquias. A pintura grega se divide em três grupos:

- figuras negras sobre o fundo vermelho;
- figuras vermelhas sobre o fundo negro;
- figuras vermelhas sobre o fundo branco (figuras coloridas).

Escultura

A estatuária grega representa os mais altos padrões já atingidos pelo homem. Na escultura, o antropomorfismo – esculturas de formas humanas – foi insuperável. As estátuas adquiriram, além do equilíbrio e perfeição das formas, o movimento.

No Período Arcaico os gregos começaram a esculpir, em mármore, grandes figuras de homens. Primeiramente aparecem esculturas simétricas, em rigorosa posição frontal, com o peso do corpo igualmente distribuído sobre as duas pernas. Esse tipo de estátua é chamado Kouros (palavra grega: homem jovem).



Kouros – antiga estátua de atleta grego

No Período Clássico passou-se a procurar movimento nas estátuas, para isto, inventaram a técnica do contraposto ou ante frontal (flexão de um dos joelhos) e se começou a usar o bronze, mais resistente do que o mármore, podendo fixar o movimento sem se quebrar. Surge o nu feminino, pois no período arcaico, as figuras de mulher eram esculpidas sempre vestidas.

No Período Helenístico observamos o crescente naturalismo: os seres humanos não eram representados apenas de acordo com a idade e a personalidade, mas também segundo as emoções e o estado de espírito de um momento.

O grande desafio e a grande conquista da escultura do período helenístico foi a representação não de uma figura apenas, mas de grupos de figuras que mantivessem a sugestão de mobilidade e fossem bonitos de todos os ângulos que pudessem ser observados.

Os principais mestres da Escultura Clássica Grega são:

- **Policleto** – autor de Doríforo – condutor da lança, criou padrões de beleza e equilíbrio através do tamanho das estátuas que deveriam ter sete vezes e meia o tamanho da cabeça.
- **Fídias** – talvez o mais famoso de todos, autor de Zeus Olímpico, sua obra-prima, e Atenéia. Realizou toda a decoração em baixos-relevos do templo Partenon: as esculturas dos frontões, métopas e frisos.

- **Lisipo** – representava os homens “tal como se veem” e “não como são” (verdadeiros retratos). Foi Lisipo que introduziu a proporção ideal do corpo humano com a medida de oito vezes a cabeças.
- **Praxíteles** – celebrado pela graça das suas esculturas, pela lânguida pose em “S” (Hermes com Dionísio menino), foi o primeiro artista que esculpiu o nu feminino.
- **Miron** – autor do Discóbolo – homem arremessando o disco.



Para saber mais

- **Mitologia** – Zeus: senhor dos céus; Atenéia (ou Atenas): deusa da guerra; Afrodite: deusa do amor; Apolo: deus das artes e da beleza; Poseidon: deus das águas; entre outros.
- **Olimpíadas** – Realizavam-se em Olímpia, cada 4 anos, em honra a Zeus. Os primeiros jogos começaram em 776 a.C. As festas olímpicas serviam de base para marcar o tempo.
- **Teatro** – Foram criadas a comédia e a tragédia. Entre as mais famosas: *Édipo Rei*, de Sófocles.
- **Música** – Significa a arte das musas, entre os gregos a lira era o instrumento nacional.

Compreensão

1. Quais foram, cronologicamente, os quatro períodos do desenvolvimento da Arte Grega?

2. Que frase atribuída ao filósofo grego Protágoras resumia a visão de mundo dos gregos antigos, o antropocentrismo?

3. Como eram chamadas as primeiras esculturas gregas que representavam rapazes e moças em pedra na busca do ideal de beleza?

4. Quais foram os mais importantes artistas da escultura na Grécia Antiga?

5. Que nome era dado à técnica utilizada na escultura grega do período Clássico, cujas esculturas humanas permaneciam em uma posição na qual se apoiavam totalmente numa perna, deixando a outra livre, permitindo a representação de atletas em plena ação.

6. Desenhe os três tipos de colunas gregas que representavam as ordens arquitetônicas da Grécia Antiga, identificando e explicando as características de cada uma detalhadamente.

7. Em que tipo de produção a pintura grega alcançou seu maior destaque?

Arte Romana

Roma chegou a governar o mundo. Foi o centro do maior império da Antiguidade e sua influência se fez sentir em toda a Europa, parte da Ásia e África.

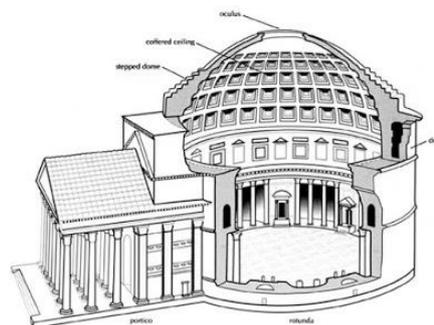
Com a decadência da arte clássica grega a arte romana toma seu lugar a partir do século I a.C.

A Arte Romana sofreu duas fortes influências: a da arte etrusca popular e voltada para a expressão da realidade vivida, e a da greco-helenística, orientada para a expressão de um ideal de beleza.

Dos etruscos herdou o arco e a abóbada, dos gregos o restante.

Arquitetura

Um dos legados culturais mais importantes que os etruscos deixaram aos romanos foi o uso do arco e da abóbada nas construções.



As características gerais da Arquitetura Romana são:

- **Praticidade** – busca do útil imediato, senso de realismo;
- **Tamanhos Colossais** – grandeza material, realçando a ideia de força;
- **Melhor aproveitamento do espaço** – uso do arco e da abóbada;
- **Estátuas no teto;**
- **Colunas** – uso das ordens compósita e toscana;
- **Originalidade** – urbanismo, vias de comunicação, anfiteatro, termas.

As construções eram de cinco espécies, de acordo com as funções:

- **Religião**

Templos – Pouco se conhece deles. Os mais conhecidos são o templo de Júpiter Stater, o de Saturno, o da Concórdia e o de César.

O Panteão, construído em Roma durante o reinado do Imperador Adriano foi planejado para reunir a grande variedade de deuses existentes em todo o Império, esse templo romano, com sua planta circular fechada por uma cúpula, cria um local isolado do exterior onde o povo se reunia para o culto.

- **Comércio e Civismo**

Basílica – A princípio destinada a operações comerciais e a atos judiciais, a basílica servia para reuniões da bolsa, para tribunal e leitura de editos. Mais tarde, já com o Cristianismo, passou a designar uma igreja com certos privilégios.

A basílica apresenta uma característica inconfundível: a planta retangular, (de quatro a cinco mil metros) dividida em várias colunatas. Para citar uma, a basílica Julia, iniciada no governo de Júlio César, foi concluída no Império de Otávio Augusto.

- **Higiene**

Termas – Constituídas de ginásio, piscina, pórticos e jardins, as termas eram o centro social de Roma.

As mais famosas são as termas de Caracala que, além de casas de banho, eram centro de reuniões sociais e esportes.

- **Divertimentos**

a) **Circo** – extremamente afeito aos divertimentos, foi de Roma que se originou o circo.

Dos jogos praticados temos: jogos circenses – corridas de carros; ginásios – incluídos neles o pugilato; jogos de Tróia – aquele em que havia torneios a cavalo; jogos de escravos – executados

por cavaleiros conduzidos por escravos. Sob a influência grega, os verdadeiros jogos circenses romanos só surgiram pelo ano 264 a.C. Dos circos romanos, o mais célebre é o "Circus Maximus".

b) **Teatro** – imitado do teatro grego. O principal teatro é o de Marcellus. Tinha cenários versáteis, giratórios e retiráveis.

c) **Anfiteatro** – o povo romano apreciava muito as lutas dos gladiadores. Essas lutas compunham um espetáculo que podia ser apreciado de qualquer ângulo. Pois a palavra anfiteatro significa teatro de um e de outro lado.

Assim era o Coliseu, certamente o mais belo dos anfiteatros romanos. Externamente o edifício era ornamentado por esculturas, que ficavam dentro dos arcos, e por três andares com as ordens de colunas gregas (de baixo para cima: ordem dórica, ordem jônica e ordem coríntia). Essas colunas, na verdade eram meias colunas, pois ficavam presas à estrutura das arcadas.



Portanto, não tinham a função de sustentar a construção, mas apenas de ornamentá-la. Esse anfiteatro de enormes proporções chegava a acomodar 40.000 pessoas sentadas e mais de 5.00 em pé.

- **Monumentos Honoríficos** (decorativos)

a) **Arco de Triunfo** – pórtico monumental feito em homenagem aos imperadores e generais vitoriosos. O mais famoso deles é o arco de Tito, todo em mármore, construído no Fórum Romano para comemorar a tomada de Jerusalém.

b) **Coluna Triunfal** – a mais famosa é a coluna de Trajano, com seu característico friso em espiral que possui a narrativa histórica dos feitos do Imperador em baixos-relevos no fuste. Foi erguida por ordem do Senado para comemorar a vitória de Trajano sobre os dácios e os partos.

- **Moradia**

Casa – era construída ao redor de um pátio chamada Átrio, onde ficavam o Tablino (apartamento principal) e o implúvio (tanque sob uma abertura retangular no teto para a entrada de ar, luz e água).

O peristilo (espécie de jardim inspirado nos templos gregos) ficava na parte externa da casa.

Pintura



O mosaico foi muito utilizado na decoração dos muros e pisos da arquitetura em geral.

A maior parte das pinturas romanas que conhecemos hoje provém das cidades de Pompéia e Herculano, que foram soterradas pela erupção do Vesúvio em 79 d.C.

Os estudiosos da pintura existente em Pompéia classificam a decoração das paredes internas dos edifícios em quatro estilos.

- **Primeiro estilo** – cobertura das paredes de uma sala com uma camada de gesso pintado, que dava impressão de placas de mármore.
- **Segundo estilo** – os artistas começaram a pintar painéis que criavam a ilusão de janelas abertas por onde eram vistas paisagens com animais, aves e pessoas, formando um grande mural.
- **Terceiro estilo** – representações fiéis da realidade e valorizou a delicadeza dos pequenos detalhes.
- **Quarto estilo** – (estilo cenográfico ou ilusionista) um painel de fundo vermelho, tendo ao centro uma pintura, geralmente cópia de obra grega, imitando um cenário teatral.

Escultura

Os romanos eram grandes admiradores da arte grega, mas por temperamento, eram muito diferentes dos gregos.

Por serem realistas e práticos, suas esculturas são uma representação fiel das pessoas e não a de um ideal de beleza humana, como fizeram os gregos. Retratavam os imperadores e os homens da sociedade. Mais realista que idealista, a estatuária romana teve seu maior êxito nos retratos. Na escultura romana ocorre o aparecimento das estátuas equestres (cavaleiros montados).

Com a invasão dos bárbaros as preocupações com as artes diminuíram e poucos monumentos foram realizados pelo Estado. Era o começo da decadência do Império Romano que, no séc. V - precisamente no ano de 476 - perde o domínio do seu vasto território do Ocidente para os invasores germânicos.

Para saber mais

Segundo o poeta grego Antítaper (século II a.C.), entre as obras mais importantes da Antiguidade, estão as chamadas “Sete Maravilhas do Mundo Antigo”, cuja beleza e imponência era admirada por gregos e romanos.

Todas foram destruídas, exceto a Grande Pirâmide, que faz parte das três pirâmides do deserto de Gizé, no Egito. Além desse grande monumento estão incluídos nessa lista: os Jardins Suspensos da Babilônia, a Estátua Criselefantina de Zeus, o Colosso de Rodes, o Túmulo do rei Mausolo (Mausoléu de Halicarnasso), o Templo de Ártemis e o Farol de Alexandria.

Compreensão

1. A Cultura Romana sofreu influência de vários povos, devido às várias conquistas empreendidas durante o seu apogeu. No entanto, as culturas que mais influenciaram a arte da Roma Antiga foram:

2. Quais foram os principais elementos arquitetônicos que os romanos deixaram como contribuição para a arquitetura ocidental?

3. Quais eram os principais elementos da moradia romana?

4. Qual era a característica das esculturas romanas que a diferenciavam das gregas?

5. O que se sabe a respeito da pintura da Roma Antiga deve-se muito à descoberta e estudos arqueológicos de duas cidades que foram soterradas pela erupção do Vesúvio no ano de 79 d.C. Que cidades foram essas?

6. A pintura romana estava dividida em quatro estilos. Fale sobre cada um.

Capítulo 4

Arte Paleocristã



Enquanto os romanos desenvolviam uma arte colossal e espalhavam seu estilo por toda a Europa e parte da Ásia, os cristãos (aqueles que seguiam os ensinamentos de Jesus Cristo) começaram a criar uma arte simples e simbólica executada por pessoas que não eram grandes artistas. Surge a arte cristã primitiva, também conhecida como paleocristã.

Os romanos testemunharam o nascimento de Jesus Cristo, o qual marcou uma nova era e uma nova filosofia. Com o surgimento de um "novo reino" espiritual, o poder romano viu-se extremamente abalado e teve início um período de perseguição não só a Jesus, mas também a todos aqueles que aceitaram sua condição de profeta e acreditaram nos seus princípios.

Esta perseguição marcou a primeira fase da arte paleocristã: a fase catacumbária, que recebe este nome devido às catacumbas, cemitérios subterrâneos em Roma, onde acredita-se que os primeiros cristãos secretamente celebravam seus cultos. Nesses locais, a pintura é simbólica.

Para entender melhor a simbologia: Jesus Cristo poderia estar simbolizado por um círculo ou por um peixe, pois a palavra peixe, em grego ictus (ἰχθύς), forma as iniciais da frase: "Jesus Christos Theou Uios Soter" que quer dizer "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador".

Outra forma de simbolizá-lo é o desenho do pastor com ovelhas "Jesus Cristo é o Bom Pastor" e também, o cordeiro "Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus". Passagens da Bíblia também eram ali simbolizadas, por exemplo: Arca de Noé; Jonas engolido pelo peixe e Daniel na cova dos leões.

Ainda hoje podemos visitar as catacumbas de Santa Priscila e Santa Domitila, nos arredores de Roma. Os cristãos foram perseguidos por três séculos, até que em 313 d.C. o imperador Constantino legaliza o Cristianismo, dando início à 2ª fase da arte paleocristã : a fase basilical.

Tanto os gregos como os romanos, adotavam um modelo de edifício denominado "Basílica" (origem

Exercício de Pesquisa

Forme uma equipe, e juntos pesquisem em diversas fontes sobre as "Sete Maravilhas do Mundo Antigo". O professor fará o sorteio dos temas por equipe, que devem ter um total de sete. Cada grupo pesquisará um dos monumentos e produzirá um texto. Ao final apresentarão que aprenderam para o resto da turma.

Para isso, utilizem o recurso didático de sua preferência (cartaz, panfletos, desenhos, vídeo curto, dramatização, slides, apresentação multimídia, etc.).

do nome: Basileu = Juíz), lugar civil destinado ao comércio e assuntos judiciais.

Eram edifícios com grandes dimensões: um plano retangular de 4 a 5 mil metros quadrados com três naves separadas por colunas e uma única porta na fachada principal. Com o fim da perseguição aos cristãos, os romanos cederam algumas basílicas para que eles pudessem usar como local para as suas celebrações.

O mosaico, muito utilizado pelos gregos e romanos, foi o material escolhido para o revestimento interno das basílicas, utilizando imagens do Antigo e do Novo Testamento. Esse tratamento artístico também foi dado aos mausolés e os sarcófagos feitos para os fiéis mais ricos eram decorados com relevos usando imagens de passagens bíblicas.

Na cidade de Ravena pode-se apreciar o Mausoléu de Gala Placídia e a igreja de Santo Apolinário, o Novo e a de São Vital com riquíssimos mosaicos.

Em 395 d.C., o imperador Teodósio dividiu o Império Romano entre seus dois filhos: Honório e Arcádio. Honório ficou com o Império Romano do Ocidente, tendo Roma como sua capital, e Arcádio ficou com o Império Romano do Oriente, com a capital Constantinopla (antiga Bizâncio e atual Istambul).

O Império Romano do Ocidente sofreu várias invasões, principalmente de povos bárbaros, até que, em 476 d.C., foi completamente dominado (esta data, 476 d.C., marca o fim da Idade Antiga e o início da Idade Média).

Já o Império Romano do Oriente (onde se desenvolveu a arte bizantina), apesar das dificuldades financeiras, dos ataques bárbaros e das pestes, conseguiu se manter até 1453, quando a sua capital Constantinopla foi totalmente dominada pelos muçulmanos (esta data, 1453, marca o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna).

Em 476, com a tomada de Roma pelos povos bárbaros, tem início o período histórico conhecido por Idade Média. Na Idade Média a arte tem suas raízes na época conhecida como Paleocristã, trazendo modificações no comportamento humano, com o Cristianismo a arte se voltou para a valorização do espírito.

Os valores da religião cristã vão impregnar todos os aspectos da vida medieval. A concepção de mundo dominada pela figura de Deus proposto pelo cristianismo é chamada de teocentrismo (teos = Deus). Deus é o centro do universo e a medida de todas as coisas. A igreja como representante de Deus na Terra, tinha poderes ilimitados.

Compreensão

1. O que caracterizava a Arte Paleocristã?

2. Onde os primeiros cristãos realizavam suas pinturas?

3. Quais eram os principais símbolos representados nas pinturas dos primeiros cristãos? O que eles significavam?

4. O que significa as iniciais da palavra PEIXE (em grego ICTUS) para os cristãos?

5. Após a oficialização do Cristianismo, em que tipo de construção arquitetônica os cristãos passaram a se reunir?

Arte Bizantina



O Cristianismo não foi a única preocupação para o Império Romano nos primeiros séculos de nossa era. Por volta do século IV, começou a invasão dos povos bárbaros e que levou Constantino a transferir a capital do Império para Bizâncio, cidade grega, depois batizada por Constantinopla.

A mudança da capital foi um golpe de misericórdia para a já enfraquecida Roma; facilitou a formação dos Reinos Bárbaros e possibilitou o

aparecimento do primeiro estilo de arte cristã – Arte Bizantina.

Graças a sua localização (Constantinopla) a arte bizantina sofreu influências de Roma, Grécia e do Oriente. A união de alguns elementos dessa cultura formou um estilo novo e rico tanto na técnica quanto na cor.

A Arte Bizantina está dirigida pela religião; ao clero cabia, além das suas funções, organizar também as artes, tornando os artistas meros executores. O regime era teocrático e o imperador possuía poderes administrativos e espirituais; era o representante de Deus, tanto que se convencionou representá-lo com uma auréola sobre a cabeça e, não raro, encontrar um mosaico onde esteja juntamente com a esposa, ladeando a Virgem Maria e o Menino Jesus.

O mosaico é expressão máxima da arte bizantina e não se destinava apenas a enfeitar as paredes e abóbadas, mas instruir os fiéis mostrando-lhes cenas da vida de Cristo, dos profetas e dos vários imperadores.

Plasticamente, o mosaico bizantino em nada se assemelha aos mosaicos romanos; são confeccionados com técnicas diferentes e seguem convenções que regem inclusive os afrescos.

Neles, por exemplo, as pessoas são representadas de frente e verticalizadas para criar certa espiritualidade; a perspectiva e o volume são ignorados e o dourado é demasiadamente utilizado devido à associação com o maior bem existente na terra: o ouro.

A arquitetura das igrejas foi a que recebeu maior atenção da arte bizantina, elas eram planejadas sobre uma base circular, octogonal ou quadrada imensas cúpulas, criando-se prédios enormes e espaçosos totalmente decorados.

A Igreja de Santa Sofia (Sofia = Sabedoria), na hoje Istambul, foi um dos maiores triunfos da nova técnica bizantina, projetada pelos arquitetos Antêmio de Tralles e Isidoro de Mileto, ela possui uma cúpula de 55 metros apoiada em quatro arcos plenos.

Tal método tornou a cúpula extremamente elevada, sugerindo, por associação à abóbada celeste, sentimentos de universalidade e poder absoluto. Apresenta pinturas nas paredes, colunas com capitel ricamente decorado com mosaicos e o chão de mármore polido.

Toda essa atração por decoração aliada à prevenção que os cristãos tinham contra a estatuária que lembrava de imediato o paganismo romano, afasta o gosto pela forma e consequentemente a escultura não teve tanto destaque neste período. O que se encontra

restringe-se a baixos relevos acoplados à decoração.

A Arte Bizantina teve seu grande apogeu cultural no século VI, durante o reinado do Imperador Justiniano. Porém, logo sucedeu-se um período de crise chamado de Iconoclastia. Constituía na destruição de qualquer imagem santa devido ao conflito entre os imperadores e o clero.

A Arte Bizantina não se extinguiu em 1453, pois, durante a segunda metade do século XV e boa parte do século XVI, a arte daquelas regiões onde ainda florescia a ortodoxia grega permaneceu dentro da arte bizantina. E essa arte extravasou em muito os limites territoriais do império, penetrando, por exemplo, nos países eslavos.

Para saber mais

A verdadeira beleza de Santa Sofia, a maior igreja de Constantinopla, capital do Império Bizantino, encontra-se no seu vasto interior. Um olhar mais atento permite ao visitante ver o trabalho requintado dos artífices bizantinos no colorido resplandecente dos mosaicos agora restaurados; no mármore profundamente talhado dos capitéis das colunas das naves laterais, folhas de acantos envolvem o monograma de Justiniano e de sua mulher Teodora.

No alto, sobre um solo de mármore, bordada em filigrana de sombras dos candelabros suspensos, resplandece a grande cúpula. Embora a igreja tenha perdido a maior parte da decoração original de ouro e prata, mosaicos e afrescos, há uma beleza natural na sua magnificência espacial e nos jogos de sombra e luz – um claro-escuro admirável quando os raios de sol penetram e iluminam o seu interior.

Arte Românica



A Arte Românica surgiu ao mesmo tempo que a arte bizantina, ou seja, durante os primeiros séculos da Idade Média (entre os séculos XI e XII), na Europa. No entanto, essa produção se desenvolveu na parte ocidental do Império Romano, que tinha como capital a cidade de Roma.

Assim como a arte bizantina, a Arte Românica tinha como principal inspiração a religião cristã.

Arquitetura

A arquitetura era a linguagem artística mais importante desse estilo, cuja estrutura era semelhante às construções dos antigos romanos. Destaca-se na construção de igrejas e catedrais.

As características mais significativas da Arquitetura Românica são:

- abóbadas em substituição ao telhado das basílicas;
- pilares maciços que sustentavam as paredes espessas;
- aberturas raras e estreitas usadas como janelas;
- torres, que aparecem no cruzamento das naves ou na fachada; e
- arcos que são formados por 180 graus.

A primeira coisa que chama a atenção nas igrejas românicas é o seu tamanho. Elas são sempre grandes e sólidas. Daí serem chamadas: fortalezas de Deus.

A explicação mais aceita para as formas volumosas, estilizadas e duras dessas igrejas é o fato da arte românica não ser fruto do gosto refinado da nobreza nem das idéias desenvolvidas nos centros urbanos, é um estilo essencialmente clerical. A arte desse período passa, assim a ser encarada como uma extensão do serviço divino e uma oferenda à divindade.

A construção românica mais famosa é a Catedral de Pisa sendo o edifício mais conhecido do seu conjunto o campanário que começou a ser construído em 1.174. Trata-se da Torre de Pisa que se inclinou porque, com o passar do tempo, o terreno cedeu.

Na Itália, diferente do resto da Europa, não apresenta formas pesadas, duras e primitivas.

Pintura e Escultura

Numa época em que poucas pessoas sabiam ler, a Igreja recorria à pintura e à escultura para narrar histórias bíblicas ou comunicar valores religiosos aos fiéis. Não podemos estudá-las desassociadas da arquitetura.

A Pintura Românica desenvolveu-se, sobretudo, nas grandes decorações murais, através da técnica do afresco, que originalmente era uma técnica de pintar sobre a parede úmida.

Originária do Oriente e usada desde a Antiguidade, também a técnica da decoração com mosaico, isto é, pequeninas pedras, de vários formatos e cores, que colocadas lado a lado vão

formando o desenho, teve bastante presença na época do românico.

Os motivos usados pelos pintores eram de natureza religiosa: passagens bíblicas, principalmente as do apocalipse.

Representava também símbolos dos pecados capitais. As características essenciais da pintura românica foram a deformação e o colorismo. A deformação, na verdade, traduz os sentimentos religiosos e a interpretação mística que os artistas faziam da realidade.

A figura de Cristo, por exemplo, é sempre maior do que as outras que o cercam. O colorismo realizou-se no emprego de cores chapadas, sem preocupação com meios tons ou jogos de luz e sombra, pois não havia a menor intenção de imitar a natureza.

A área mais ocupada pelas esculturas era o tímpano, nome que recebe a parede semicircular que fica logo abaixo dos arcos que arrematam o vão superior da porta, caracterizados pela imitação de formas rudes, curtas ou alongadas, onde se percebe a ausência de movimentos naturais, representando figuras de bestas e demônios que simbolizavam os pecados humanos.

Compreensão

1. O que é a Arte Românica?

2. Qual era a linguagem artística do estilo românico considerada a mais importante?

3. Qual é o exemplo mais famoso da arquitetura românica?

4. Na pintura românica, além dos afrescos, que outras técnicas os artistas da época utilizavam?

5. Quais eram os temas favoritos presentes nas esculturas românicas?

Arte Gótica

No século XII, entre os anos 1150 e 1500, tem início na Europa uma economia fundamentada no comércio. Isso faz com que o centro da vida social se desloque do campo para a cidade e apareça a burguesia urbana.

Neste contexto, desenvolve-se uma arte, também voltada para o espírito religioso cristão. Esse estilo desenvolveu-se principalmente na França e é identificado como a Arte das Catedrais ou Arte Ogival.

A origem do termo é relacionada aos Godos, que foi escolhido pejorativamente pelos italianos renascentistas, fazendo uma referência ao povo bárbaro de origem germânica que invadiu o Império Romano e causou grandes destruições. Porém, antes de sua designação como Gótico, o estilo era conhecido como arte francesa.

Arquitetura

No começo do século XII, a arquitetura predominante ainda é a românica, mas já começaram a aparecer as primeiras mudanças que conduziram a uma revolução profunda na arte de projetar e construir grandes edifícios.

A primeira diferença que notamos entre a igreja gótica e a românica é a fachada. Enquanto, de modo geral, a igreja românica apresenta um único portal, a igreja gótica tem três portais que dão acesso à três naves do interior da igreja: a nave central e as duas naves laterais.

A arquitetura expressa a grandiosidade, a crença na existência de um Deus que vive num plano superior; tudo se volta para o alto, projetando-se na direção do céu, como se vê nas pontas agulhadas das torres de algumas igrejas góticas.

A rosácea é um elemento arquitetônico muito característico do estilo gótico e está presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV. Outros elementos característicos da arquitetura gótica são os arcos góticos ou ogivais e os vitrais coloridíssimos que filtram a luminosidade para o interior da igreja.

As catedrais góticas mais conhecidas são: Catedral de Notre Dame de Paris e a Catedral de Notre Dame de Chartres.

Escultura

As esculturas estão ligadas à arquitetura e se alongam para o alto, demonstrando verticalidade, alongamento exagerado das formas, e as feições são caracterizadas de formas a que o fiel possa reconhecer facilmente a personagem representada,

exercendo a função de ilustrar os ensinamentos propostos pela igreja.

Pintura

A pintura gótica desenvolveu-se nos séculos XII, XIV e no início do século XV, quando começou a ganhar novas características que prenunciam o Renascimento.

Sua principal particularidade foi a procura do realismo na representação dos seres que compunham as obras pintadas, quase sempre tratando de temas religiosos, apresentava personagens de corpos pouco volumosos, cobertos por muita roupa, com o olhar voltado para cima, em direção ao plano celeste.

Os principais artistas na pintura gótica são os verdadeiros precursores da pintura do Renascimento (Duocento ou Pré-Renascimento):

- **Giotto di Bondone** (1267-1337) - a característica principal do seu trabalho foi a identificação da figura dos santos com seres humanos de aparência bem comum.

E esses santos com ar de homem comum eram o ser mais importante das cenas que pintava, ocupando sempre posição de destaque na pintura. Assim, a pintura de Giotto vem ao encontro de uma visão humanista do mundo, que vai cada vez mais se firmando até ganhar plenitude no Renascimento.

Obras destacadas – Afrescos da Igreja de São Francisco de Assis (Itália) e Retiro de São Joaquim entre os Pastores.

- **Jan Van Eyck** (1390-1441) – pintor flamengo procurava registrar nas suas pinturas os aspectos da vida urbana e da sociedade de sua época. Nota-se em suas pinturas um cuidado com a perspectiva, procurando mostrar os detalhes e as paisagens.
- Obras destacadas** – O Casal Arnolfini e Nossa Senhora do Chanceler Rolin.

Iluminura

Iluminura é a ilustração sobre o pergaminho de livros manuscritos (a gravura não fora ainda inventada, ou então é um privilégio da quase mítica China).

O desenvolvimento de tal gênero está ligado à difusão dos livros ilustrados patrimônio quase exclusivo dos mosteiros: no clima de fervor cultural que caracteriza a arte gótica, os manuscritos também eram encomendados por particulares, aristocratas e burgueses.

É precisamente por esta razão que os grandes livros litúrgicos (a Bíblia e os Evangelhos) eram ilustrados pelos iluministas góticos em formatos manejáveis.

Durante o século XII e até o século XV, a arte ganhou forma de expressão também nos objetos preciosos e nos ricos manuscritos ilustrados. Os copistas dedicavam-se à transcrição dos textos sobre as páginas.

Ao realizar essa tarefa, deixavam espaços para que os artistas fizessem as ilustrações, os cabeçalhos, os títulos ou as letras maiúsculas com que se iniciava um texto.

Da observação dos manuscritos ilustrados podemos tirar duas conclusões: a primeira é a compreensão do caráter individualista que a arte da ilustração ganhava, pois destinava-se aos poucos possuidores das obras copiadas, a segunda é que os artistas ilustradores do período gótico tornaram-se tão habilidosos na representação do espaço tridimensional e na compreensão analítica de uma cena, que seus trabalhos acabaram influenciando outros pintores.

Vitrais

Os vitrais tiveram seu apogeu na arte gótica. As “paredes de vidro” surgiram quando as paredes deixaram de ter função de sustentação, e inicialmente os fragmentos de cores diferentes eram unidos com chumbo, formando as figuras. Nas igrejas góticas, as abóbadas eram apoiadas nos pilares ou colunas de sustentação.

Com a utilização desse novo tipo de apoio, as grossas paredes e pequenas janelas da arquitetura românica desapareceram e deram lugar a paredes mais leves preenchidas com grandes vitrais, que proporcionaram uma iluminação peculiar à igreja gótica.

Sendo mais trabalhosa que a técnica dos mosaicos, por meio de tiras de vidro, os fragmentos de formas variadas que acompanhavam os contornos de seus desenhos eram bastante adequados ao desenho ornamental abstrato.

Todavia, na composição de um mestre o quebra-cabeça das peças de chumbo e vidro conseguia transformar-se em figuras de uma monumentalidade imponente.

Compreensão

1. O que é Arte Gótica? Qual é a origem dessa palavra?

2. Em que país da Europa a Arte Gótica mais se destacou?

3. Qual é a construção mais famosa da Arquitetura Gótica?

4. Quais são as características principais da Arquitetura Gótica?

5. Cite as características da Pintura Gótica?

6. O que são vitrais?

7. O que são Iluminuras?

8. Cite as características da Escultura Gótica?

9. Cite os principais artistas góticos.

Capítulo 5

Arte no início da Idade Moderna

Renascimento

O termo Renascimento é comumente aplicado à civilização europeia que se desenvolveu entre os séculos XIV e XV, época das grandes navegações. Além de reviver a antiga cultura greco-romana, ocorreram nesse período muitos progressos e incontáveis realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica.

Alguns autores dividem o período renascentista em quatro períodos, indo desde as suas primeiras aparições, paralelas ao estilo gótico do século XIII até o século XVI, a saber:

- Duocento – 1200 a 1299 (séc. XIII)
- Trecento – 1300 a 1399 (séc. XIV)
- Quattrocento – 1400 a 1499 (séc. XV)
- Quinquecento – 1500 a 1599 (séc. XVI)

O ideal do Humanismo foi sem dúvida o móvel desse progresso e tornou-se o próprio espírito do Renascimento. Trata-se de uma volta deliberada, que propunha a ressurreição consciente (o Renascimento) do passado, considerado agora como fonte de inspiração e modelo de civilização.

Num sentido amplo, esse ideal pode ser entendido como a valorização do homem (Humanismo) e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média.

São características gerais da arte renascentista:

- Racionalidade;
- Rigor Científico;
- Dignidade do ser humano;
- Ideal Humanista;
- Resgate e revalorização das artes greco-romanas.

Arquitetura

Na Arquitetura Renascentista, a ocupação do espaço pelo edifício baseia-se em relações matemáticas estabelecidas de tal forma que o observador possa compreender a lei que o organiza, de qualquer ponto em que se coloque. De acordo com Bruno Zevi, em seu livro.

Saber ver a arquitetura “Já não é o edifício que possui o homem, mas este que, aprendendo a lei simples do espaço, possui o segredo do edifício” (1989).

As principais características da Arquitetura Renascentista são:

- Arcos de Volta-Perfeita.
- Simplicidade na construção.
- A escultura e a pintura se desprendem da arquitetura e passam a ser autônomas.
- Construções; palácios, igrejas, vilas (casa de descanso fora da cidade), fortalezas (funções militares).

Filippo Brunelleschi (1377-1446) foi o principal arquiteto renascentista. É um exemplo de artista completo renascentista, pois foi pintor, escultor e arquiteto. Além de dominar conhecimentos de Matemática, Geometria e de ser grande conhecedor da poesia de Dante. Foi como construtor, porém, que realizou seus mais importantes trabalhos, entre eles a cúpula da catedral de Florença e a Capela Pazzi.

Pintura

Principais características

- **Perspectiva** – arte de figura, no desenho ou pintura, as diversas distâncias e proporções que têm entre si os objetos vistos à distância, segundo os princípios da matemática e da geometria.
 - **Uso do chiaroscuro (claro-escuro)** – pintar algumas áreas iluminadas e outras na sombra, esse jogo de contrastes reforça a sugestão de volume dos corpos.
 - **Realismo** – o artista do Renascimento não vê mais o homem como simples observador do mundo que expressa a grandeza de Deus, mas como a expressão mais grandiosa do próprio Deus. E o mundo é pensado como uma realidade a ser compreendida cientificamente, e não apenas admirada.
 - Inicia-se o uso da tela e da tinta à óleo.
 - Tanto a pintura como a escultura que antes apareciam quase exclusivamente como detalhes de obras arquitetônicas, tornam-se manifestações independentes.
 - Surgimento de artistas com um estilo pessoal, diferente dos demais, já que o período é marcado pelo ideal de liberdade e, conseqüentemente, pelo individualismo.
- Os principais pintores renascentistas na Itália foram:
- **Sandro Botticelli (1444-1510)** – os temas de seus quadros foram escolhidos segundo a possibilidade que lhe proporcionavam de expressar seu ideal de beleza. Para ele, a beleza estava associada ao ideal cristão. Por isso, as figuras humanas de seus quadros são belas porque

manifestam a graça divina, e, ao mesmo tempo, melancólicas porque supõem que perderam esse dom de Deus. Obras destacadas: A Primavera e O Nascimento de Vênus.

- **Leonardo da Vinci (1452-1519)** – ele dominou com sabedoria um jogo expressivo de luz e sombra, gerador de uma atmosfera que parte da realidade, mas estimula a imaginação do observador. Foi possuidor de um espírito versátil que o tornou capaz de pesquisar e realizar trabalhos em diversos campos do conhecimento humano. Obras destacadas: A Virgem dos Rochedos e Monalisa.

- **Michelangelo Buonarroti (1475-1564)** – entre 1508 e 1512 trabalhou na pintura do teto da Capela Sistina, no Vaticano. Para essa capela, concebeu e realizou grande número de cenas do Antigo Testamento. Dentre tantas que expressam a genialidade do artista, uma particularmente representativa é a criação do homem. Obras destacadas: Teto da Capela Sistina e a Sagrada Família.

- **Rafael Sanzio (1483-1520)** – suas obras comunicam ao observador um sentimento de ordem e segurança, pois os elementos que compõem seus quadros são dispostos em espaços amplo, claros e de acordo com uma simetria equilibrada. Foi considerado grande pintor de *Madonas*. Obras destacadas: A Escola de Atenas e Madona da Manhã.

O Renascimento Italiano se espalhou pelo resto da Europa, trazendo novos artistas que nacionalizaram as idéias italianas. No norte europeu podemos destacar:

- **Albrecht Dürer (1471-1528)** – filho de um ourives húngaro que se instalou em Nuremberg, centro cultural da Alemanha durante o Renascimento, Albrecht Dürer revelou seu talento para o desenho ainda menino. Dürer foi o primeiro artista alemão que concebeu a arte como uma representação fiel da realidade.

- **Hans Holbein, o Jovem (1498-1543)** – nascido na Alemanha, Holbein ficou famoso por pintar pessoas influentes de sua época. Em seus retratos há uma série de objetos que mostravam a personalidade e o poder econômico da pessoa retratada. Um de seus retratos mais famosos é o de Erasmo de Roterdã, padre holandês defensor do humanismo e autor de livros que propunham reformas na Igreja católica.

- **Pieter Brueghel, o velho (1525-1569)** – foi considerado o maior pintor flamengo do século XVI. Apesar de viver em plena renascença, sua obra é bem diferente do ideal de perfeição renascentista. Ele desenvolveu um estilo próprio.

- **Lucas Cranach (1472-1553)** – quando jovem, Cranach passou vários anos no sul da Alemanha e na Áustria, onde descobriu a beleza do cenário montanhoso. Suas pinturas retratam cenas bíblicas e mitológicas quase sempre com paisagens nórdicas ao fundo.

- **Hieronymus Bosch (1450-1516)** – pintor flamengo que ficou conhecido por representar em seus trabalhos cenas de pecado e tentação, recorrendo à utilização de figuras simbólicas complexas, originais, imaginativas e caricaturais, muitas das quais eram obscuras mesmo no seu tempo. Alguns autores o consideram um precursor de um movimento do século XX, o Surrealismo.

Escultura

Em meados do século XV, com a volta dos papas de Avinhão para Roma, esta adquire o seu prestígio. Protetores das artes, os papas deixam o palácio de Latrão e passam a residir no Vaticano. Ali, grandes escultores se revelam, o maior dos quais é Michelangelo, que domina toda a escultura italiana do século XVI. Algumas obras: Moisés, Davi (4,10m) e Pietá. Outro grande escultor desse período foi Andrea del Verrochio. Trabalhou em ourivesaria e esse fato acabou influenciando sua escultura. Obra destacada: *Davi* (1,26m) em bronze.

Principais Características:

- Buscavam representar o homem tal como ele é na realidade.
- Proporção da figura mantendo a sua relação com a realizada.
- Profundidade e perspectiva.
- Estudo do corpo e do caráter humano.

Para saber mais

- A Capela Sistina foi construída por ordem de Sisto IV (retangular 40 x 13 x 20 altura). E é na própria Capela que se faz o Conclave: reunião com os cardeais após a morte do Papa para proceder a eleição do próximo. Lareira que produz fumaça negra - que o Papa ainda não foi escolhido; fumaça branca - que o Papa acaba de ser escolhido, avisa o povo na Praça de São Pedro, no Vaticano.

- Michelangelo dominou a escultura e o desenho do corpo humano maravilhosamente bem, pois tendo dissecado cadáveres por muito tempo, assim como Leonardo da Vinci, sabia exatamente a posição de cada músculo, cada tendão, cada veia.

- Além de pintor, Leonardo da Vinci, foi grande inventor. Dentre as suas invenções estão: “Parafuso Aéreo”, primitiva versão do helicóptero, a ponte elevada a o escafandro, um modelo de asa-delta, etc.

- Quando deparamos com o quadro da famosa *Mona Lisa* não conseguimos desgrudar os olhos do

seu olhar, parece que ele nos persegue. Por que acontece isso? Será que seus olhos podem se mexer?

Este quadro foi pintado, pelo famoso artista e inventor italiano Leonardo da Vinci (1452-1519) e qual será o truque que ele usou para dar esse efeito? Quando se pinta uma pessoa olhando para a frente (olhando diretamente para o espectador) tem-se a impressão que o personagem do quadro fixa seu olhar em todos. Isso acontece porque os quadros são lisos.

Se olharmos para a Mona Lisa de um ou de outro lado estaremos vendo-a sempre com os olhos e a ponta do nariz para frente e não poderemos ver o lado do seu rosto. Aí está o truque em qualquer ângulo que se olhe a Mona Lisa a veremos sempre de frente.

Compreensão

1. O Renascimento, que quer dizer “nascer de novo” significou um retorno a uma cultura e padrão estético clássico. Que civilizações antigas inspiraram essa arte?

2. Alguns historiadores dividem o Renascimento em fases. Quais foram elas?

3. Enumere as principais características da Arte Renascentista na Pintura, na Escultura e na Arquitetura.

4. Quais foram os artistas que pertenceram e se destacaram na Pintura Renascentista Italiana?

5. Quais foram os artistas que mais se destacaram no Renascimento do Norte europeu?

Capítulo 6

Arte e Sociedade no Brasil

Cenário Histórico

Em 1930, Getúlio Vargas assumiu o governo provisório apoiado pelos militares. A economia do país estava abalada: a quebra da Bolsa de Nova York tivera graves repercussões sobre o comércio mundial do café e sobre a economia brasileira.

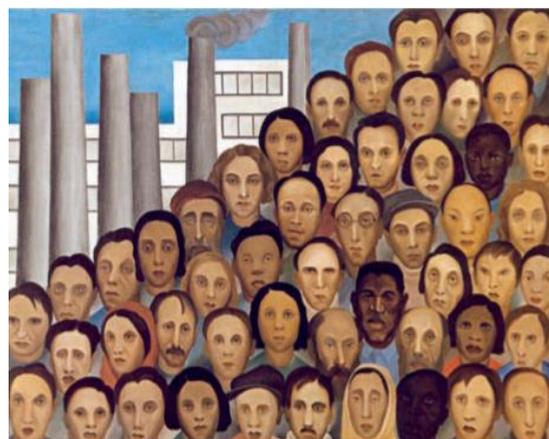
Em 1937, um golpe liderado pelo próprio presidente Vargas deu início ao chamado Estado Novo. O Congresso Nacional foi fechado e iniciou-se um período de governo autoritário, centralizado na figura do ditador, que fez uso de repressão e censura contra os que se opunham a suas decisões.

Interesses Sociais

Na década de 1930, a nova realidade econômica levou os artistas a se interessarem pelo papel social da arte.

Os intelectuais de países colonizados, como México e Brasil, se viram diante da necessidade de construir uma identidade nacional. Para tanto, buscaram nas tradições regionais, na figura do trabalhador e nas injustiças sociais os elementos para seus trabalhos.

Pinturas como *Os operários* marcaram a guinada de Tarsila do Amaral para os temas sociais.



Tarsila do Amaral – *Os Operários* – 1933.

Nesta tela, a artista justapõe uma massa de trabalhadores ao cenário das fábricas. Os operários, muitos deles imigrantes, têm um semblante melancólico, não parecendo felizes com o seu papel.

Um muralista brasileiro

A política cultural de Getúlio Vargas visava modernizar a educação e promover as raízes culturais brasileiras.

Nesse contexto de valorização da cultura nacional, o pintor Candido Portinari (1903-1962) foi uma figura central.

Adotando a pintura muralista e seguindo a tendência então internacional à monumentalidade,

Portinari foi convidado a produzir diversas obras para o governo.

Nesses trabalhos institucionais, realizados em diferentes técnicas, como afresco e mosaico de azulejo, criou uma imagem para o povo brasileiro, representando-o com físico robusto e disposição heroica para o trabalho.

Nascido em uma fazenda de café no interior de São Paulo, filho de uma família de imigrantes italianos, Portinari estudou com dificuldades na Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, e recebeu uma bolsa de viagem. Na Europa, conheceu a obra de Pablo Picasso, que influenciou fortemente seu trabalho.



Candido Portinari – *Painéis* (1938) com pinturas no Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro.

Entre seus grandiosos murais estão os afrescos da série Ciclos econômicos do Brasil, realizados no edifício do Ministério da Educação e Saúde (o Palácio Gustavo Capanema), no Rio de Janeiro, e o painel Guerra e Paz, realizado na sede das Nações Unidas (ONU) na cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

A nova linguagem da Arquitetura



Edifício do Ministério da Educação e Saúde. Atual Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, 1936-1945.

Este Edifício concretizou as propostas fundamentais da nova arquitetura. O volume de 14 andares é sustentado por pilotis (pilares que elevam a construção e liberam o terreno ao uso público). Os andares têm planta livre, ou seja, os espaços internos são independentes da estrutura do edifício. O uso de lajes de concreto permite que

na cobertura haja um terraço com jardim. Em contraste com a fachada de vidro da face sul, a face norte do edifício é protegida por brises (venezianas verticais externas), para limitar a incidência da luz solar.

Em 1935, o Governo Vargas abriu um concurso público para o projeto da sede do Ministério da Educação e Saúde, na cidade do Rio de Janeiro.

Insatisfeito com o vencedor, o ministro Gustavo Capanema cumpriu o pagamento do prêmio, mas convidou o arquiteto Lúcio Costa (1902-1998) a apresentar outra proposta.

O arquiteto montou uma equipe com colegas de tendência moderna e trouxe da França como consultor do projeto o arquiteto Le Corbusier (1887-1965), que desenvolveu o uso do concreto armado na arquitetura.

Embora monumental, o edifício criou uma praça no centro antigo da cidade, em parte por não ocupar toda a quadra e em parte pelo uso de pilotis.

O projeto foi primoroso ao realizar a interação entre arte e arquitetura, demonstrando um modo moderno de construir monumentos que conciliava economia e luxo, simplicidade e imponência. Vários artistas foram convidados a criar obras para os espaços externos e internos do edifício, que recebeu projeto paisagístico de Roberto Burle Marx (1909-1994).

A Era do Rádio e duas lendas do Nordeste

O século XX começou com novidades no campo musical: a invenção da gravação sonora e a chegada do rádio ao Brasil.

Antes de a gravação se tornar possível, a única forma de registrar música consistia em escrever partituras, que só podiam ser lidas por quem dominasse teoria musical.

A gravação sonora possibilitou ouvir música a qualquer hora e em qualquer lugar, sem depender de músicos e de seus instrumentos. Em 1924, a invenção da gravação elétrica permitiu captar vozes menos potentes.

O estilo operístico de cantar deu lugar a um tom mais informal e próximo da fala. Gêneros musicais como o maxixe e o samba ganharam popularidade. O rádio chegou ao Brasil em 1922, inaugurando a moderna era da comunicação de massa e revolucionando o consumo de música em todas as regiões do país. Ouvir rádio passou a ser um hábito das famílias brasileiras e grande parte da programação diária era de música.

Cantores, compositores e instrumentistas de todo o Brasil tentaram carreiras no Rio e em São Paulo, onde ficavam as estações emissoras. O rádio representava não só uma oportunidade de projeção

nacional, mas também de emprego. Cada estação tinha seu elenco – verdadeiros times, que tinham até torcida – de cantores e compositores.

Grandes nomes da música brasileira surgiram nesse período: Francisco Alves (1898-1952), Carmen Miranda, Ary Barroso (1903-1962), Noel Rosa (1910-1937), Orlando Silva (1915-1978), Emilinha Borba (1923-2005).

O rádio permitiu o intercâmbio musical dentro do país e, do Nordeste, vieram dois nomes que modificariam para sempre a forma de compor no Brasil: Dorival Caymmi (1914-2008) e Luiz Gonzaga (1912-1989).

Caymmi mostrou para o Brasil um tipo de música inspirado na cultura baiana, uma cultura praieira de grande influência africana, tanto na religião quanto na culinária e na forma de vestir. As composições de Caymmi, como O bem do mar e O vento, transportam o ouvinte para a beira-mar, pois evocam um cenário com elementos como vento, água salgada, coqueiros e pescadores.



Dorival Caymmi e Carmem Miranda, em foto na década de 1930.

Longe da praia, no sertão de Pernambuco, nasceu Luiz Gonzaga do Nascimento. Sua carreira ganhou força no início dos anos 1940, pouco depois de chegar ao Rio de Janeiro. De sua sanfona saía um pouco de tudo: valsas, tangos, foxtrotes. Mas foi com o xote, o xaxado e o baião que o compositor conquistou o Brasil. Sua obra tem ligação com a cultura do povo sertanejo, das festas juninas, dos cantadores e repentistas.

Luiz Gonzaga, o Lula, era um admirador do lendário Lampião e costumava usar o figurino de cangaceiro em suas apresentações.



Ele e Humberto Teixeira substituíram os instrumentos musicais originais – pandeiro, viola, rabeca e botijão – por acordeom, triângulo e zabumba, instrumentos que hoje fazem parte do tradicional trio de forró, palavra que designa genericamente ritmos nordestinos como o xote, o xaxado e o baião.

Anexos

Arte e Meio Ambiente: Grandes vertentes e poderes questionadores

Como a arte pode ser uma ferramenta de conscientização importante para o Ativismo Ambiental? Conheça a Arte Ambiental e suas ramificações

Qual é a função da arte? Educar, informar e entreter? Essa é talvez a mais polêmica questão que envolve o tema – e não há respostas fechadas.

A arte pode ser entendida como a atividade humana ligada às manifestações artísticas, seja de ordem estética ou comunicativa, realizadas por diversas formas de linguagens.

Talvez uma pergunta mais pertinente seja: qual o potencial da arte? Uma das respostas possíveis se dá na relação entre arte e meio ambiente, em que a arte exerce o papel de questionar ações e exigir mudanças de comportamento.

A arte impulsiona os processos de percepção, sensibilidade, cognição, expressão e criação.

Tem o poder de sensibilizar e proporcionar uma experiência estética, transmitindo emoções ou ideais.

A arte surge da necessidade de observar o meio que nos cerca, reconhecendo suas formas, luzes e cores, harmonia e desequilíbrio.

Ela pode propagar e questionar estilos de vida, preparar uma nova consciência por meio da sensibilização, alertando e gerando reflexões.

As manifestações artísticas são representações ou contestações oriundas das diversas culturas, a partir do que as sociedades, em cada época, vivem e pensam.

Nesse contexto, podemos inserir a importância da arte como mais uma ferramenta do ativismo ambiental.

Ao confrontar o público com informações desagradáveis, muitas vezes difíceis de serem digeridas (como as mudanças climáticas), convergidas em uma experiência estética, a sensibilização ultrapassa a barreira do racional e realmente toca as pessoas.

É mais fácil ignorar estatísticas do que ignorar imagens e sensações. Quando a arte representa a relação perturbada da sociedade com a natureza, fica explícita a urgência de ação.

Arte e Meio Ambiente

As mudanças ambientais já são há muito tempo objetos da arte. Por trás do verde idílico que os impressionistas pintavam, havia a fumaça negra das chaminés das fábricas. Uma das marcas da obra de

Monet era o estudo da luz difusa, nessa busca se deparou com o Smog de Londres.

Isso originou obras que mostram a fumaça de carvão cuspidas pelas chaminés e trens na cidade.

Em um contexto contemporâneo, o movimento que junta arte e meio ambiente, a chamada arte ambiental, surgiu a partir da turbulência política e social dos anos 1960 e início dos anos 70.

Artistas foram inspirados pela nova compreensão das questões ambientais, a grande urbanização e a ameaçadora perda de contato do homem com a natureza, bem como pelo desejo de trabalhar ao ar livre em espaços não tradicionais.

A arte ambiental se insere na arte contemporânea não como um movimento fechado, mas como um modo de fazer, uma tendência que perpassa diversas criações artísticas. A dialética entre o hedonismo e a sustentabilidade cada vez mais tem sido abordada, e é uma contraproposta às ordens sociais vigentes.

Criticar publicamente o consumismo, o curto ciclo de vida dos produtos e a exploração de recursos é fazer ativismo ambiental, por mais que muitas vezes não esteja explícito no trabalho. Reverenciar a beleza da natureza, mesmo que pareça sem maiores preocupações ideológicas, também é um processo que reforça a necessidade de ações de preservação do meio ambiente.

Diversos artistas têm a preocupação de expor ao público uma arte voltada para as questões ambientais. A prática artística dá visibilidade a temas que muitas vezes são abordados pela mídia por uma perspectiva distanciada.

Com um enfoque distinto, temáticas como as mudanças climáticas ou exploração animal, que sequer ganha destaque na mídia tradicional, geram reflexões potencialmente transformadoras.

O campo da arte ambiental é tão vasto como o mundo natural que o inspira. A arte é uma lente através da qual é possível explorar todos os aspectos da sociedade – desde a produção urbana de alimentos, a política climática, gestão de bacias hidrográficas, infraestrutura de transporte e design de roupas - a partir de uma perspectiva ecológica.

“Arte ambiental” é um termo genérico que se refere a uma ampla gama de trabalho que ajuda a melhorar a nossa relação com o mundo natural. Seja informando sobre as forças ambientais, ou demonstrando problemas ambientais, e até com uma participação mais ativa, reaproveitando materiais e restaurando a vegetação local.

Muitas práticas artísticas, como a land art, eco-arte, e arte na natureza, bem como os desenvolvimentos relacionados em prática social,

ecologia acústica, slow food, slow fashion, eco-design, bio-art e outros podem ser considerados como parte desta mudança cultural maior.

Land art, Earthwork ou Earth Art

O terreno natural é objeto e se integra à obra nesse tipo de arte. Conhecida como land art, Earth art ou Earthwork, esses trabalhos são grandes arquiteturas ambientais, transformam a natureza e são por ela transformados.

O espaço físico dessas obras são desertos, lagos, planícies e cânions, e os elementos da natureza, como vento ou relâmpagos, podem ser trabalhados para integrarem a obra. A land art se relaciona com o ambiente de forma harmônica e com um respeito imenso à própria natureza. O conceito se estabeleceu numa exposição organizada na Dwan Gallery, em Nova Iorque, em 1968, e na exposição Earth Art, promovida pela Universidade de Cornell, em 1969.

Esse conceito de arte contemporânea ao ar livre atrai muitos artistas, pela possibilidade de se deslocar do campo das galerias.

Por suas características, essas obras não podem ser expostas nesses ambientes, a não ser por meio de fotografias. Essas obras têm caráter efêmero, pois a ação dos eventos naturais consome e destrói os trabalhos.

Uma forte influência para esse estilo são os geoglifos (grandes figuras feitas no chão em morros ou regiões planas), como as linhas de Nazca e os crop circles.

Os principais artistas dessa tendência são Jeanne-Claude e seu esposo Christo Javacheff, Walter de Maria e James Turrell.

Art in nature

Semelhante à land art, a art in nature tem caráter ainda mais efêmero. Considerada uma vertente da land art, essa produção artística também tem seu local deslocado para a natureza. Esse tipo de obra é construída com materiais orgânicos encontrados no ambiente rearranjados em formatos geométricos.

Essas belíssimas esculturas normalmente são feitas com folhas, flores, galhos, areia, pedras etc.

O foco é geralmente na criação de objetos ou mudanças sutis na paisagem, que destacam características geográficas, ou explorar as formas naturais dos próprios materiais.

A documentação apresenta papel central nesse tipo de trabalho. Assim como a land art, esse tipo de obra só pode ser exposto fora do ambiente natural por meio de fotografias.

Esta forma de arte pode celebrar a beleza da natureza. Os artistas que produzem obras nesse estilo normalmente têm uma forte reverência pela preservação da natureza e um desejo de criar um impacto mínimo sobre o solo na produção de seu trabalho. Alguns artistas ainda alegam que devolvem os objetos ao local que encontraram após a documentação. O britânico Andy Golsworthy tem diversos trabalhos nesse campo.

Arte ecológica, eco-arte ou arte sustentável

A arte ecológica leva em consideração que toda atividade humana afeta o mundo em torno dela. Por esse motivo, ela analisa o impacto ecológico da construção, exposição e efeitos a longo prazo da obra. As questões ambientais são mais aparentes no discurso desse tipo de arte - ela envolve toda uma metodologia eco-friendly.

Muitos projetos envolvem uma restauração local, ou emergem diretamente de uma função de serviço a ecossistemas ou comunidades.

Essa prática artística busca estimular carinho e respeito pela natureza, propiciando diálogos e incentivando mudanças estruturais a longo prazo. Muitas vezes os projetos envolvem ciência, arquitetos, educadores, etc.

Um artista que segue essa perspectiva é o brasileiro Vik Muniz, que cria diversas obras utilizando lixo.

O documentário “Lixo Extraordinário” mostra o trabalho do artista e apresenta seu processo criativo e sua relação com uma comunidade próxima de um aterro sanitário do Rio de Janeiro.



Outro artista muito importante no cenário brasileiro é Frans Krajcberg. Uma marca de sua obra são esculturas com árvores calcinadas, que são recolhidas de locais que sofreram com queimadas e desmatamento. A obra denuncia a violência do homem com a natureza e tem forte caráter ativista.

Ativismo

A noção de adotar uma postura semelhante ao ativismo nas artes teve como um de seus principais defensores o artista Joseph Beuys. Ele incorporou essa conduta como parte essencial de sua produção.

Beuys já abordava questões ecológicas em suas esculturas, performances, entre outros suportes artísticos, de maneira revolucionária.

Foi um dos fundadores do Green Party na Alemanha e protagonizou, em 1982, uma ação impactante no cenário: realizou o plantio de 700 mudas de carvalho marcadas por colunas de basalto, em frente à sede da Documenta, exposição de arte contemporânea periódica que ocorre na cidade de Kassel, na Alemanha.



As preocupações mundiais com temas como o desmatamento, aumento de epidemias, poluição, aquecimento global, esgotamento de espécies, novas tecnologias genéticas, novas e velhas doenças, são reflexos de um novo mundo. Junto com tudo isso surge a demanda de atribuir à arte a função de destacar as questões da natureza.

O movimento cultural global em função de uma vida voltada para consumo consciente expandiu o papel da arte e dos artistas em nossa sociedade.

Independente de uma classificação fechada, percebe-se nos museus e galerias do mundo todo que a questão ecológica e as mudanças climáticas estão determinando muitas atividades artísticas.

Ao artista é creditada a função de ativista, para expor a demanda pela urgência de mudanças que a sociedade precisa. A arte ambiental é uma arte engajada. Ela busca a construção de novos valores e jeitos de se viver.

Um exemplo de como o ativismo através da arte pode ser significativo é o trabalho da artista Aviva Rahmani.

Em 2002, ela conseguiu chamar atenção para um estuário degradado em Vinalhaven Island, no Maine, com o projeto Blue Rocks. Com a repercussão, o departamento de agricultura dos Estados Unidos (USDA) decidiu investir 500 mil dólares para restaurar a região.



As mudanças cultural e social devem emergir de mãos dadas. Para curar nossa relação com a terra, e construir formas de conscientização, qualquer paixão e criatividade que pudermos reunir é bem-vinda.

Todos têm um papel a desempenhar nessa mudança: artistas, colaboradores e cada um de nós. Cada expressão com esse discurso é um passo, cada obra de arte é uma inspiração potencial para trabalhos futuros.

As obras propiciam a abertura de um diálogo, provocam ideias e são capazes de mudar o pensamento das pessoas ao longo do tempo.

Referências

ARANHA Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. Temas de Filosofia. São Paulo: Moderna, 1992.

ARNHEIN, Rudolf. Arte e percepção visual. São Paulo, EDUSP, 1980.

BATTISTONE, Filho Diulio. Pequena História da Arte. São Paulo: Papyrus. 1989.

CALABRIA, Carla Paula Brondi, MARTINS, Raquel Valle. Arte História e Produção, Arte Ocidental, São Paulo: FTD, 1997.

CAVALCANTE, Carlos. Historia das Artes: Pré-história/ Antiguidade/ Idade Média/ Renascença na Itália. Rio de Janeiro: vol. 1. 2º ed. Editora Civilização Brasileira, 1968.

EVERARD, Upjohn. História da Arte. São Paulo: Difel, 1983.

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Rio do Janeiro, Guanabara/Koogan, 1993.

HAUSER, Arnold. História Social da Literatura e da Arte. 1ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MARTINS, Simone R. & IMBROISI, Margaret H. História da Arte. Disponível em <<http://www.historiadaarte.com.br/>>. Acesso em 24 Abril 2010.

OSTROWER, Fayga Perla. Universos da arte. 2ª ed. Rio de Janeiro, Campus, 1983.

PEDROSA, Israel. Da cor a cor inexistente. 5ª ed., Rio de Janeiro: Cristiano Editorial, 1989.